

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

RAYANNE DE SOUZA SANTOS

**INDISCIPLINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NA PERSPECTIVA DE
PROFESSORAS**

**CAJAZEIRAS/PB
2016**

RAYANNE DE SOUZA SANTOS

**INDISCIPLINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NA PERSPECTIVA DE
PROFESSORAS**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras/PB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dra. Zildene Francisca Pereira

**CAJAZEIRAS/PB
2016**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096

Cajazeiras - Paraíba

S237i Santos, Rayanne de Sousa.

Indisciplina na educação infantil na perspectiva de professores / Rayanne de Souza Santos. - Cajazeiras, 2016.

43p.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Zildene Francisca Pereira.

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2016.

1. Educação infantil. 2. Indisciplina escolar. 3. Crianças indisciplinadas. 4. Comportamento escolar - crianças. 5. Relação escola-família. I. Pereira, Zildene Francisca. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

RAYANNE DE SOUZA SANTOS

INDISCIPLINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NA PERSPECTIVA DE
PROFESSORAS

Aprovada em 05 / 10 / 16

Banca Examinadora

Zildene Francisca Pereira

Profa. Dra. ZILDENE FRANCISCA PEREIRA
(ORIENTADORA – UAE/CFP/UFCG)

Maria Janete de Lima

PROFA. Dra. MARIA JANETE DE LIMA

(MEMBRO – UAE/CFP/UFCG)

Débia Suênia da Silva Sousa

PROFA. M. DÉBIA SUÊNIA DA SILVA SOUSA
(MEMBRO – UAE/CFP/UFCG)

DEDICATÓRIA

Ao longo da minha vida acadêmica passei por muitos obstáculos, que serviram de aprendizagem e de alicerce para a construção de uma pessoa melhor. Aprendi que também evoluímos com os golpes duro da vida, e com eles mais que nunca devemos pegar como incentivo para não deixarmos de lutar e ver que o amanhã sempre nos reserva coisas melhores.

Assim, dedico esse trabalho para duas pessoas essenciais na minha vida, alguém que infelizmente não está mais em vida do meu lado, no entanto tenho a certeza que ficaria muito orgulhosa em saber que consegui chegar até aqui, minha mãe, Francinete Maria de Sousa (In memoriam). Uma lastima não compartilhar dessa alegria comigo, no entanto faço bom proveito do incentivo que me destes ao longo da minha vida. E a meu filho, que com seu amor me ajudou a superar os momentos mais difíceis da minha vida, não me deixando desistir.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que me ajudaram a trilhar este caminho que foi tão extenso;

A minha mãe, que sem ela, não estaria aqui.

Aos amigos que consegui ao longo desses cinco anos, os quais me ajudaram nos momentos de fraqueza;

A minha família que sempre me ajudou;

As pessoas que conheci e tornaram amigas pelos favores prestados, como também a minha orientadora que se dispôs a doar seu tempo, e o mais importante, agradeço a Deus, por te me concedido o conhecimento capaz de chegar até aonde cheguei, que me deu meu filho, que foi por ele que cheguei ao fim desse curso.

“Dar o exemplo não é a melhor maneira
de influenciar os outros.
- É a única.”

(Albert Schweitzer)

RESUMO

Esta monografia de conclusão de curso tem por finalidade discutir o tema “Indisciplina na Educação Infantil na perspectiva de professoras” a partir da seguinte questão problematizadora: Como é realizado o trabalho com alunos da Educação Infantil em sala de aula, com comportamentos inadequados, que têm o acompanhamento dos pais, daqueles que não tem acompanhamento. Para responder elaboramos os objetivos: Analisar a percepção de professores com relação ao comportamento inadequado de alunos em sala de aula; diferenciar o comportamento escolar de alunos que tem o acompanhamento da família, daqueles que não têm; discutir os diferentes tipos de comportamento familiares relacionados ao processo de ensino e aprendizagem escolar. Durante o texto apresentamos estudos acerca da temática, enfatizando a visão de autores, como também relatos de três professoras da Educação Infantil atuantes em instituições privadas, da cidade de Cajazeiras/PB. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, com a utilização da entrevista semiestruturada, contendo seis questões, havendo uma diálogo maior entre o pesquisador e o entrevistado. Através da entrevista foi constatado que é relevante a presença da família na educação dos filhos, a tão discutida parceria família e escola, e como é notória a diferenciação, tanto no comportamento das crianças, quando no seu desenvolvimento cognitivo. Durante a pesquisa, percebemos que, ainda, existem professores preocupados em realizar um trabalho diferenciado com crianças, consideradas, indisciplinadas em sala de aula, a partir do diálogo, da utilização de atividades lúdicas, mesmo percebendo a omissão na participação escolar de algumas famílias e da própria escola, em algumas situações, mas se percebem enquanto bons profissionais da educação.

Palavras-chaves: Indisciplina. Educação Infantil. Escola-família.

ABSTRACT

This paper is intended to discuss the topic "indiscipline in early childhood education from the perspective of teachers" according to this problematical question: How is it work with students in early childhood education with inappropriate behavior and parental guidance and without parental guidance? To answer this question, this study aims to analyze the perception of teachers about inappropriate behavior of students in the classroom; to distinguish the school behavior of students who have their family guidance and those who do not have; and, to discuss the different types of family behavior related to school teaching-learning process. The study on the subject emphasizes the point of view of authors, as well as reports of three teachers from Early Childhood Education in private institutions in the city of Cajazeiras, Paraíba, Brazil. The methodology consisted of a qualitative study using semi-structured interviews with six questions and a dialogue between the researcher and the respondent. Through interviews it was noted that family presence is relevant in the education of children, the so-called family and school partnership, and a notorious differentiation in the behavior of the children and in their cognitive development. During the research, we realized that there are teachers concerned to do differentiated work with undisciplined children in the classroom, using the dialogue, using recreational activities, even noticing the omission in the school participation of some families and the school itself in some situations, and they perceive themselves as good education professionals.

Keywords: indiscipline. Early Childhood education. School-family.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| 1. EDUCAÇÃO INFANTIL: ASPECTOS LEGAIS, AFETIVOS E INDICINPLINARES. | 14 |
| 2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 24 |
| 2.1 Escolha do campo e dos participantes da pesquisa | 24 |
| 2.2 Instrumento para coleta de dados e análise | 26 |
| 3. INDISCIPLINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ALGUMAS REFLEXÕES..... | 28 |
| 3.1 Influências e contribuições no campo cognitivo a partir de comportamentos de crianças em sala de aula. | 28 |
| 3.2 Parceria escola-família na educação das crianças: qual o papel de ambas. | 34 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 35 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS..... | 39 |
| APÊNDICES..... | 41 |

INTRODUÇÃO

Ao cursar a disciplina de Fundamentos e Metodologia da Educação Infantil I pude obter o conhecimento necessário para compreender o papel do professor de Educação Infantil, bem como obtive um breve conhecimento sobre a discussão da afetividade na perspectiva walloniana.

Dessa forma, entendi que a afetividade na Educação Infantil não tratava-se somente de carregar a criança no colo, mas que é todo um conjunto de estímulos para que ela adapte-se ao meio, que aprenda a se socializar, que desenvolva suas atividades de forma autônoma e compreenda seus direitos e deveres na escola.

Quando iniciei na ação docente, na Educação Infantil, cometi uma série de erros que hoje vejo que foram graves, e completamente diferentes da ação de um educador com formação acadêmica em Pedagogia, pois o papel do educador é conduzir a criança a sua independência social e emocional, proporcionando um ambiente aconchegante e acolhedor.

Entendi, a partir das leituras sobre a teoria walloniana que a afetividade e a inteligência caminham conjuntamente em prol do desenvolvimento integral da criança. A priori pensei que o cuidar e a afetividade na sala de aula se tratava, apenas, do abraço, do colo e do carinho, eis que através desse estudo pude obter um novo entendimento sobre a temática.

Ao conhecer um trabalho monográfico sobre a afetividade tendo como base teórica Wallon, me senti perplexa quando li um relato que dizia que a criança recém-nascida não sorri para o adulto e que aquele gesto risonho não passa de um movimento involuntário. Tinha acabado de ingressar na vida materna e saber que esses gestos faciais, em bebê, momento de puro afeto e carinho entre mãe e filho, são gestos involuntários, me foi bem decepcionante. Meu filho, atualmente com três anos, é um dos motivos pelo meu interesse nessas questões afetivas, pois precisava entender o mundo infantil, bem como a evolução e as diferentes gesticulações.

Ao meu ver, um educador que não sabe educar o próprio filho não estará apto a educar seus discentes. Eu me vejo na obrigação como estudante universitária do curso de Pedagogia, educadora e mãe, a me capacitar nessas questões as quais tenho focado intensamente, para obter um melhor rendimento primeiramente pessoal, que se dá na parte educativa do meu filho, como nas questões acadêmicas e profissionais, que então atuo.

Trabalhando como professora da Educação Infantil pude passar por vários transtornos, os quais antes não conseguia encontrar soluções e que me ocasionaram stress diversos, pois não conseguia lidar com a desordem e a rebeldia dos discentes em sala, tão pouco parava para refletir sobre os motivos das ações dos discentes. Então sempre acabava depositando a culpa de todos os males na família.

Como, ainda, me encontrava sem uma práxis educativa mais consolidada, não conseguia me dar conta do quanto é difícil para uma criança, por exemplo se separa da sua mãe para permanecer na escola por um tempo mesmo que seja mínimo. As crianças se desesperavam ao perceber que seus pais não estavam mais próximos deles. Em alguns momentos acabei tendo uma atitude grotesca, falando para a criança que se ela não interrompesse o choro, sua mãe não voltaria para buscá-la. Hoje me sinto mal ao lembrar desse episódio. Sendo assim esses foram alguns aspectos que pude destacar, considerando minha experiência enquanto mãe, discente do curso de Pedagogia e educadora da Educação Infantil.

Foram três anos trabalhando na Educação Infantil, mais precisamente nas instituições privadas, e pude observar que muitas delas infelizmente não trabalham levando em consideração o desenvolvimento da criança a partir do conhecimento de suas emoções. O poder econômico, em muitos casos é o que prevalece sobre qualquer questão a ser trabalhada no indivíduo, mesmo que seja para seu próprio benefício.

Ao meu ver, a indisciplina tem acarretado vários problemas na vida das crianças, mais especificamente em sala de aula, casa e locais de lazer. Contudo, devo ressaltar que sempre ao me deparar com crianças indisciplinadas, era comum observar que elas apresentavam motivos para isto,

como: excesso de cuidados ou de vontades, desavenças familiares, separação dos pais, dentre outros aspectos.

Através desta pesquisa tive a chance de estudar a temática escolhida, bem como pude ter acesso a um diálogo com professoras da rede particular de ensino acerca da sua compreensão sobre a indisciplina na Educação Infantil. Assim, propomos nosso problema de pesquisa através do seguinte questionamento: Como é realizado o trabalho com alunos da Educação Infantil em sala de aula, com comportamentos inadequados, que têm o acompanhamento dos pais, daqueles que não tem acompanhamento. Para responde-lo elaboramos os seguintes objetivos: analisar a percepção de professores com relação ao comportamento inadequado de alunos em sala de aula; diferenciar o comportamento escolar de alunos que tem o acompanhamento da família, daqueles que não têm; discutir os diferentes tipos de comportamento familiares relacionados ao processo de ensino e aprendizagem escolar.

Esta monografia está dividida da seguinte forma: no primeiro capítulo temos uma breve reflexão acerca da Educação Infantil e as mudanças ocorridas no papel do professor. No segundo, temos os procedimentos metodológicos, abordando a pesquisa qualitativa, o instrumento de pesquisa que foi através da entrevista semiestruturada, a apresentação do campo e os sujeitos da pesquisa.

No terceiro capítulo temos a análise dos dados a partir da organização de dois eixos temáticos: Influências e contribuições no campo cognitivo a partir de comportamentos de crianças em sala de aula; Parceria escola-família na educação das crianças: qual o papel de ambas, que foram analisados no decorrer do capítulo.

Por fim, concluímos com a importante participação das professoras, participantes da pesquisa a partir das suas experiências em escolas particulares de Educação Infantil na cidade de Cajazeiras/PB.

1. EDUCAÇÃO INFANTIL: ASPECTOS LEGAIS, AFETIVOS E INDICINPLINARES.

O âmbito escolar abriga hoje crianças de diferentes faixas-etárias, no entanto a Educação Infantil é o período em que mais se inspira cuidados, porém, ainda, não se é dado tamanha relevância que a mesma precisa e merece. A Educação Infantil surgiu pela necessidade que as mães tinham de deixar suas crianças para irem ao trabalho, necessitando de um lugar seguro, que cuidasse da alimentação e higienização, surgindo, assim, os primeiros espaços que acolhessem crianças pequenas. Desse modo podemos afirmar que

[...] A origem das creches, relacionada com o trabalho feminino e preocupações sanitárias e filantrópicas, foi influenciada pela medicina e a assistência social, sendo o trabalho ali realizado voltado para questões de higiene, alimentação e cuidados físicos, sem investimentos nos aspectos pedagógicos (ALVES, 2011, p. 2).

Assim tornou-se um ambiente que servia de 'depósitos' de crianças, para as mães de famílias menos favorecidas que necessitavam ingressar no mercado de trabalho deixarem seus filhos. No Brasil, mais precisamente no final do século XIX, foram criados os primeiros jardins de infância. No entanto, com o seu direcionamento para as classes de melhor poder aquisitivo, pois os profissionais cuidavam das crianças e tinham um maior zelo por elas.

Com a expansão do trabalho feminino e as crianças a mercê de cuidadores, foi notório a decaída da educação das crianças, precisando ser repensado esses cuidados e a educação para essa faixa etária, considerando, especificamente, a formação dos profissionais que estariam à frente desse acompanhamento. Assim,

[...] a fim de desenvolver hábitos e habilidades necessárias para adaptação à rotina escolar. Nesse contexto, exigia-se dos

profissionais a formação no então curso de magistério de 2º grau, que capacitava para desenvolver atividades de treino psicomotor com as crianças em idade pré-escolar (4 á 6 anos) (ALVES, 2011, p. 3).

O foco dessa nova preocupação com a Educação Infantil consistia em melhorar a educação das crianças de classe baixa, para a diminuição da pobreza, uma espécie de compensação do poder público perante as famílias de menor poder aquisitivo, acarretando a preparação dos profissionais atuantes nessa nova modalidade de ensino, pois

No final da década de 1980 e nos anos 1990, com a constituição Federal (1988), o Estatuto da criança e do adolescente (1990) e a LDB/96, o atendimento de crianças de 0 a 6 anos em espaços coletivos foi assumido como direito de crianças a educação, devendo integrar os sistemas de ensino (ALVES, 2001, p. 4).

Antes de ter seus deveres e direitos assegurados por lei as crianças eram tratadas como adultos em miniatura. No decorrer dos anos, viu-se a necessidade de oferecer aquelas crianças uma educação, não apenas detendo-se as questões de alimentação e higiene, isso se tornou possível pela criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação/LDB 9.394/96. É possível enfatizarmos que

Nos anos 1970 e 1980, a educação pré-escolar começou a receber uma atenção especial do poder público, período que se caracterizou por uma preocupação de caráter político-administrativo em relação à educação pré-escolar, com o objetivo de lhe dar sustento e legitimidade (ALVES, 2011, p. 3).

Isso tudo não implica afirmar que a Educação Infantil ganhou maior visibilidade, mas sim, um drible para as empresas nacionais e o poder público conciliar decisões chamadas de multilaterais, chegarem a consensos sobre a educação e o comércio. Podendo dizer então que não se detendo a todos os fatores que as crianças dessa faixa etária precisam para seu desenvolvimento tanto cognitivo, quanto social e afetivo.

Dessa forma, passa-se a perpetuar um saber que afirma que todas as crianças são ingênuas, frágeis e que necessitam de toda proteção possível. Parece uma preocupação à toa, no entanto é relevante, pois o verdadeiro sentido e compreensão da infância, ainda, é algo que necessita de uma maior discussão. Segundo Kramer (2006, p. 15) “É impossível ou inadequado supor a existência de uma população infantil homogênea, ao invés de se perceber diferentes populações infantis com processos desiguais de socialização”. Conforme sua reflexão

A análise das modificações do sentimento devotado à infância é feita à luz das mudanças ocorridas nas formas de organizações da sociedade, o que contribui para uma maior compreensão da ‘questão criança’ no presente, não mais estudada como um problema em si, mas compreendida segundo uma perspectiva do contexto histórico em que está inserida (KRAMER, 2006. p.17).

As modificações que foram realizadas no atendimento a essas crianças foram feitas, inclusive, para obtermos um currículo diferenciado, levando em conta as diferenças que tínhamos que considerar no Ensino Fundamental. Essas modificações levaram em consideração a necessidade de um melhor desenvolvimento infantil, considerando cada faixa etária, bem como refletir sobre a autonomia das crianças a partir da realização de atividades cotidianas como: ir ao banheiro, vestir-se, alimentar-se e manusear objetos de uso diário.

Isso implica dizer que o professor não era mais um transmissor de conhecimentos, ou, apenas, um cuidador, no seu sentido mais restrito, mas um orientador, aquele que conduz as crianças a uma construção do seu próprio conhecimento, a partir das vivências cotidianas.

A partir da nova concepção de infância e de criança, obtivemos novas descobertas, especificamente voltadas para a compreensão do desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor, fazendo uma ligação com o mundo exterior. A criança tende a manifestar sua relação com as ações do meio em que está inserida através de diferentes estímulos, pois o orgânico e o social estão interligados e são indissociáveis.

Esse entendimento está relacionado a ligação das crianças com a sociedade, de como se adaptam a esse meio, e de como isto influi positivamente e/ou negativamente no seu desenvolvimento integral. Se considerarmos o pouco tempo que, algumas famílias, têm com seus filhos podemos afirmar que uma das grandes dificuldades desse relacionamento da criança com o mundo ao seu redor está pautado nas dificuldades afetivas advindas da falta de acompanhamento personalizado, pois muitas mães trabalham o dia inteiro e tem pouco tempo para estar com os filhos.

Compreendemos que alguns fatores relacionados a inquietação, desobediência e violência, vivenciados em casa, na comunidade e/ou no ambiente escolar, estão pautados, em parte, às rotinas cotidianas ou à falta delas e de como o contexto familiar atua na vida diária, de como os pais estão presentes ou ausentes em suas rotinas e a diferença que este acompanhamento faz para o desenvolvimento infantil.

As crianças entram cada dia mais cedo na Creche e nas escolas de Educação infantil, sendo incluídas nesses espaços por não ter quem cuide e acompanhe em suas residências e tudo isso tem sido acarretado pela expansão das mulheres no mercado de trabalho.

Dessa forma, o relacionamento das famílias têm sido modificado, pois as crianças passam maior parte do tempo na escola e, em muitos casos, têm um contado mínimo com os pais, gerando uma carência, que pode vir a ser manifestada de diversas maneiras, uma delas é através da indisciplina no âmbito escolar que, conseqüentemente, também interfere no seu desenvolvimento cognitivo.

Assim, vimos que o desequilíbrio nas questões afetivas poderão interferir no desenvolvimento cognitivo das crianças, postergando a maturação dos diferentes entendimentos na Educação Infantil, principalmente em se tratando da indisciplina, favorecendo um comportamento inadequado em sala de aula e que necessita de um maior acompanhamento, tanto escolar, quanto familiar. Vimos que o

[...] desenvolvimento avança de acordo com uma sucessão de estágios, que vão se caracterizando pelo maior domínio do corpo e da capacidade mental, proporcionado pela maturação cerebral, e por práticas sociais (DÉR, 2004, p. 79).

Por estas e entre outras razões, o profissional da Educação Infantil deverá estar capacitado para enfrentar estas situações que vem crescendo no cotidiano escolar. A falta dos pais, a indisciplina dos alunos, o fator afetivo sendo deixado de lado, dando vaga apenas para as lições da escola, sem importar-se com o crescimento pessoal do aluno.

Segundo Dér (2004, pg. 61), de acordo com a teoria walloniana, “A afetividade é o conjunto funcional que responde pelos estados de bem-estar quando o homem é atingido e afeta o mundo que nos rodeia”. Essa é um dos aspectos que merece uma atenção redobrada quando se trata do trabalho desenvolvido com crianças em fase inicial de escolarização, pois para preparar esses alunos faz-se necessário compreendermos em sua integralidade.

Como percebemos a criança passa maior parte do seu tempo na escola do que em sua casa e a escola deverá estar apta para o seu acolhimento, começando pela preparação do espaço que elas irão ocupar, isto é: a sala de aula, o espaço de recreação, o lugar das refeições, tudo deve estar propício para seu bem estar, para que este ambiente seja agradável e seguro.

Muitas pessoas não fazem ideia de como é difícil para a criança se desvincular dos pais nos primeiros anos escolares. Podemos afirmar que é um passo a ser calculado minuciosamente, para que não ocorra frustrações futuras. Crianças que são muito ligadas aos pais ou filhos únicos tendem a sofrer mais com essa ruptura, por isso a preocupação com a formação dos profissionais que trabalham na Educação Infantil, pois essa é a fase mais importante de todo um ciclo escolar.

Segundo Dér (2004, p. 61): a afetividade “[...] é um conceito amplo que, além de envolver um componente orgânico, corporal, motor e plástico, que são os sentimentos e a paixão”. Como exemplo citamos uma criança que vai a primeira vez a escola, e que jamais tinha ficado longe de sua mãe, ela poderá manifestar choro, febre, diarreia, náuseas, como também reações de fúria. Nesses casos faz-se necessário que seu comportamento, bem como a relação da criança com a família seja observada para levar em consideração o respeito

que se deve ter com essa fase, pois ir à escola a primeira vez não é um ato simples e requer atenção e cuidados específicos.

O que podemos identificar Nos estudos feitos desde da disciplina de fundamentos da educação infantil ate o presente o presente momento, é que o emocional da criança, tende a sofrer influências impactantes pelo meio, mais do que nos adultos, tendo como consequência a manifestação de reações adversas que poderão influenciar sua relação com as demais crianças e com a própria professora. Por isso a importância de um novo modelo de currículo voltado para a Educação Infantil que leve em consideração as diferentes especificidades dessa faixa etária, bem como a formação integral da criança, ressaltando a importância da afetividade nessa etapa escolar.

Devemos deixar claro que a escola não pode tomar para si a responsabilidade que é dos pais. Atualmente, isso vem sendo bastante distorcido na tão discutida relação família e escola. Precisamos compreender seus diferentes papéis, pois família e escola tem especificidades no trato com a criança que são diferenciados e a escola precisa ter clareza de qual é o seu papel (AQUINO, 1998).

A escola sempre foi vista como o centro da ordem, da moral e dos bons costumes. A escola tradicional na forma de repassar os conhecimentos, de tratar os alunos, bem como de tratar a indisciplina em sala de aula como um comportamento inaceitável sempre foi o lugar que a sociedade lhe confiou o direito de controlar os sujeitos que lá estavam. Os discentes não tinham autonomia sobre seus próprios conhecimentos, principalmente na Educação Infantil e o pensar diferente já se era considerado uma prática desrespeitosa e indisciplinada do discente perante a escola.

Podemos reafirmar isto pelo que discorre Luengo (2010, p. 51) quando diz que “[...] é na escola que mais se vê a ação de seus tentáculos, onde promove desigualdade, discriminação e controle”. O professor era visto como o ser sábio, o que ele pregava em sala tinha que ser absorvido na totalidade do silêncio coletivo em sala de aula. Assim,

[...] há aqueles que fogem dos padrões de controle considerados normais e manifestam-se com outras formas de comportamento. A indisciplina é entre os educadores,

atualmente, uma das queixas que mais aparecem no cotidiano escolar (LUENGO, 2010, p. 55).

Não podemos, no entanto, julgar o tradicionalismo um todo ruim. Precisamos, ainda, de algumas de suas práticas que tem efeitos benéficos. O apedrejamento ao tradicionalismo tem feito da escola e do trabalho do professor em sala de aula tornar-se difícil e falho. A autonomia do educador em sala de aula está bastante abalada, há pouca presença dos pais e essa falta de participação tem tornado as crianças ainda mais indisciplinadas.

As crianças devem vir de casa com padrões de respeito pelo outro, bem como tantas regras de convivência que farão com que seu comportamento escolar seja outro. Desse modo, a própria relação da criança com todo o ambiente escolar, bem como com a professora será diferenciado.

Assim, é notório que a indisciplina vem a cada dia tomando mais espaço na sala de aula, aspecto preocupante, pois o professor gasta muito tempo tentando controlar o comportamento dos alunos, fazendo com que a realização de outras atividades fiquem comprometidas. Em muitos casos, alguns professores deixam de lado aqueles alunos que tem um comportamento inadequado em sala de aula, por entender que o aluno não tem o interesse pela escola.

Desse modo, não podemos generalizar as informações, pois nem toda criança que vem de um ambiente fora de uma rotina familiar ou, não tem esse acompanhamento na escola, desenvolve uma comportamento indisciplinado, existem casos isolados de comportamentos diferenciados do habitual.

Vale ressaltar que os objetivos da escola de antes, não são os mesmo da atualidade. A escola atual tem uma preocupação a mais, do que apenas tornar esses alunos aptos, mais tarde, para o mercado de trabalho, mas é passível de formar cidadãos que sejam humanos e sociáveis com o mundo exterior.

Se a escola não trabalha desta maneira e deixa a desejar nesses fatores pelo fato da indisciplina do aluno, seu trabalho vem a ser empobrecido, pois como um educador pode se negar na compreensão dos reais motivos que fazem com que o aluno tenha esse tipo de comportamento. A indisciplina só

nos faz entender que existe a necessidade de uma maior transformação no interior das relações vivenciadas na escola (AQUINO, 1998).

Aquino (1998), faz uma crítica a escola, enfatizando para que serve a escola afinal se não para dar assistência a seus alunos, já que passam maior parte de seu tempo integrados nela, não seria justo negligenciar seus problemas, deixando-os a mercê da sorte. Não seria papel do educador ao menos tentar compreender o porquê da indisciplina desse discente, do que fechar os olhos e executar seu trabalho pela metade.

Se a escola tem o papel de formar não apenas indivíduos para o mercado de trabalho, mas sim, de preparar crianças para enfrentar seus pesares e amadurecerem afetivamente, não seria ideal que o profissional de ensino seja capacitado cognitivamente para estreitar a relação entre professor/aluno, mesmo sabendo que isto não é uma tarefa fácil, no entanto necessária, mas

Em geral, a maioria dos professores imagina que o trabalho de disciplinarização moral da criança (de introjeção das regras e, portanto, da constituição dos famigerados "limites"), a cargo mormente dos pais, é um pré-requisito para o trabalho de sala de aula. E esta idéia, embora correta em parte, também precisa ser repensada, pelo menos em parte (AQUINO, 1998, p. 05)

Desta maneira, podemos dizer que o trabalho de disciplinarização envolve o trabalho conjunto da família e da escola em prol do desenvolvimento integral da criança, pois infelizmente nem sempre ou quase nunca ocorre. Isso implica dizer que, mesmo nessa negligência dos pais, os educadores deverão realizar atividades voltadas para a disciplina dessas crianças no ambiente escolar.

O educador ao descobrir qual o real motivo que acarreta o comportamento indisciplinado da criança conseguirá amenizar os conflitos em sala gerados por ele ou com ele, conseqüentemente o rendimento cognitivo também será alcançado com êxito. Podemos ver que

O organismo humano nasce equipado com um conjunto de funções, reflexos e movimentos impulsivos, classificados no

domínio do ato motor, que não a base, o suporte pelo qual vai dar-se o desenvolvimento da pessoa (PRANDINI, 2004, p. 33).

Almeida (1999) nos faz ver que o emocional da criança está em constante ligação com seu desenvolvimento cognitivo, a partir do momento que a criança amadurece emocionalmente ela evolui cognitivamente e se a criança tiver diversas aversões a situações em casa ou em sala de aula, poderá demonstrar um comportamento indisciplinado de forma agressiva ou desrespeitosa com o ambiente escolar e seus agentes.

Contudo, não podemos também focar a indisciplina, apenas, como a única forma de demonstração da falta de participação dos pais na escola, pois existem outros fatores que, também, poderão causar esse tipo de comportamento e assim podemos citar alguns: o excesso de proteção dos filhos, a falta de limites gerada pelo excesso de amor materno ou paterno ou até mesmo quando algumas famílias suprem as diferentes carências afetivas por objetos que são comprados. Assim, torna difícil o atendimento das crianças na Educação Infantil, pois o comportamento indisciplinado faz com que a criança tenha dificuldades de se relacionar, por vezes com outras crianças da sua idade e/ou de idades diferenciadas, comprometendo, em parte seu desenvolvimento integral, pois

[...] o meio social vai exigir outras aprendizagens, a aquisição de outros recursos para responder às exigências da cultura que serão mais bem-sucedidas se respeitarem as características motoras, afetivas e cognitivas naturais da criança (MAHONEY, 2004, p. 19).

Algumas crianças que são superprotegidas, tendem a ter problemas de relacionamentos na sala de aula, como também vem amadurecer pouco mais tarde que as demais, ressaltando, que cada criança tem seu tempo para se desenvolver, mas alguns comportamentos familiares favorecem ou não esse desenvolvimento na etapa esperada para tal idade.

Enfim, os níveis e motivos para o entendimento da indisciplina são enormes e caberá ao professor averiguar as reais causas desse comportamento, e tentar solucionar este problema o quanto antes, para que

este não venha a influir tanto no desenvolvimento emocional, social e cognitivo das crianças.

O cuidar na Educação Infantil, não se resume, apenas, a cuidados pessoais de higiene e alimentação como, ainda, infelizmente alguns professores e gestores pensam, mas é necessário que tenhamos uma maior preocupação com a criança no sentido do seu bem estar, levando em consideração seu desenvolvimento afetivo, cognitivo e motor para obtermos um trabalho eficaz a partir de diferentes experiências com crianças distintas.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização dessa pesquisa nos pautamos nos seguintes questionamentos: Como é realizado o trabalho com alunos da Educação Infantil em sala de aula, com comportamentos inadequados, que têm o acompanhamento dos pais, daqueles que não tem acompanhamento. Para respondermos a essa problemática temos os seguintes objetivos: Analisar a percepção de professores com relação ao comportamento inadequado de alunos em sala de aula; diferenciar o comportamento escolar de alunos que tem o acompanhamento da família, daqueles que não têm; discutir os diferentes tipos de comportamento familiares relacionados ao processo de ensino e aprendizagem escolar.

Esta pesquisa foi realizada em três escolas privadas da cidade de Cajazeiras/PB, cada uma, com a participação de uma professora que aqui serão identificadas com nomes fictícios.

A pesquisa é de abordagem qualitativa, pois conforme Godoy (1995, p. 62) “Nessa abordagem valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente que está sendo estudado”. Assim, podemos ver a relevância do ambiente para o favorecimento da pesquisa, para que os participantes fiquem à vontade para responder as questões que foram realizadas a partir de um entrevista semiestruturada gravada.

2.1. Escolha do campo e dos participantes da pesquisa

As professoras participantes da entrevista são todas atuantes do nível maternal e nível III na Educação Infantil e atuam em instituições privadas de ensino, na cidade de Cajazeiras/PB.

A professora Indianara tem formação no magistério e cursa letras pela Universidade Federal de Campina Grande e Pedagogia pela Faculdade São Francisco, que é de instancia privada. A docente tem vasta atuação na Educação Infantil cerca de oito anos de atuação, atuou em mais de uma instituição privada. É bastante procurada pelos pais, pela sua desenvoltura com

crianças de faixa etária 2 a 6 anos de idade, como também costuma realizar seu trabalho, com projetos voltados para desenvolvimento da psicomotricidade das crianças, que é incentivado por parte da escola em que atua.

A professora Daniele possui o magistério e atua há oito anos na Educação Infantil, atuou em três diferentes escolas, no entanto, todas de instâncias também privada. Pediu afastamento por motivos de saúde, a professora relata transtornos do próprio trabalho, não possuindo mais saúde psicológica para terminar o ano exercendo a função como educadora.

A professora Mirian possui formação em História, recentemente pela Universidade Federal de Campina Grande, ingressando no curso de Pedagogia na mesma instituição. Atua como professora no Programa Mais Educação em diversas escolas do município de Cajazeiras/PB, também ministrou aulas de ensino profissionalizante no SENAC de Cajazeiras/PB. A professora é natural de Aguiar/PB e veio morar na residência do campus por 6 anos, terminando o curso e acabou construindo uma nova etapa da vida na cidade chegando a residir definitivamente após o seu casamento. Atualmente atua na Educação Infantil de uma escola privada, com o cargo de professora do maternal II (crianças na faixa etária de 1 a 3 anos) e na secretaria da escola no turno da tarde.

Todas as educadoras participantes são atuantes em instituições privadas de ensino. A escolha das participantes foi feita pelo fato de todas elas compartilharem das dificuldades que vivemos nos âmbitos escolar, chegando a se solidarizar umas com as outras.

A escolha dessas escolas foi feita minuciosamente, duas pelo fato de já ter sido funcionária e vimos como se passa a vida dessas professoras em escolas privadas, com estrutura pequena, e a outra por acompanharmos o trabalho de algumas professoras.

A problemática vivida pelas docentes são as mesmas, pois boa parte dos professores da escola privada sofre pressão psicológica por conta dos donos, que, em muitos casos, são os próprios gestores e alguns deles não têm formação educacional para exercer o cargo. Podemos enfatizar que

A diferença maior possivelmente é que a escola particular é gerida pela iniciativa privada com base na pressão do mercado e dos pais dos alunos, do que segue que seu desempenho,

mesmo não sendo aceitável, é mais elevado (DEMO, 2007, p. 181).

Sob esse aspecto muitos professores de escolas particulares têm que executar seu trabalho considerando o que os pais exigem da escola, atendendo todas as promessas advindas de uma instituição privada, em que os clientes pagam para ter, em alguns casos, exclusiva e abusiva qualidade no seu resultado.

Nesta visão, consideramos a necessidade de pesquisar profissionais destas instituições particulares para saber como eles conseguem de fato realizar seus trabalhos, com qualidade, preocupando-se com o aluno e vendo quais os melhores métodos para fazer com que, ao fim do ano letivo, a criança tenha desempenhado as competências e habilidades necessárias para cada nível de ensino, sem que os pais e gestores sejam desagradados na escola.

2.2. Instrumento para coleta de dados e análise

Para a coleta dos dados optamos pela realização da entrevista semiestruturada, gravada, a partir de um roteiro previamente elaborado que nos permitiu obter um diálogo tranquilo com os participantes da pesquisa, favorecendo um diálogo aberto acerca das reflexões suscitadas sobre a temática pesquisada. Para uma melhor compreensão do funcionamento de uma pesquisa semiestruturada, podemos dizer que a

A entrevista semi-estruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas (MANZINI, 2004, p. 02).

Com isso podemos notar que a entrevista semiestruturada contém um diálogo simples e aberto entre pesquisador e entrevistado, favorecendo uma conversa sobre determinado assunto. Para a análise dos dados elaboramos dois eixos temáticos assim descritos: Influências e contribuições no campo

cognitivo a partir de comportamentos de crianças em sala de aula; Parceria escola-família na educação das crianças: qual o papel de ambas que serão analisados no capítulo seguinte.

3. INDISCIPLINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ALGUMAS REFLEXÕES

Após o estudo teórico sobre as ideias, concepções e conceitos do termo indisciplina, seguiremos para uma análise dos dados coletados, a partir de dois eixos temáticos. Podemos ressaltar a relevância dos dados coletados, considerando o posicionamentos das participantes da pesquisa, a partir das suas diferentes experiências em escolas particulares, suas expectativas, medos e seu comprometimento com uma educação que valorize a criança em sua integralidade, embora nem sempre seja possível por diferentes razões.

3.1 Influências e contribuições no campo cognitivo a partir de comportamentos de crianças em sala de aula.

Ao coletarmos os dados, percebemos, a partir das falas das professoras quando indagadas sobre a diferenciação de comportamentos de crianças em sala de aula, o compartilhamento da mesma opinião quando afirmam:

[...] Bom, as crianças mais participativas, mais ativas, elas têm uma tendência a aprender um pouco mais rápido, por conta que elas têm mais atitude em chegar e perguntar, e questionar. Já as mais quietas, elas têm um pouco mais de dificuldade, porque elas têm mais vergonha de chegar e perguntar, em participar das atividades, elas ficam um pouco mais retraídas (Professora Daniele).

[...] a criança ela já traz consigo a questão da educação que ela recebe em casa, eu acho que isso é uma influência né, porque tem crianças que elas são acompanhadas pelos pais em casa nas atividades, e ai facilita o aprendizado, é a questão também da disciplina, tem crianças que são mais disciplinadas, e ai são mais calmas, tem mais facilidade de aprender [...] (Professora Mirian).

[...] Existe muita diferença entre as crianças dentro da sala de aula. Tem umas que tem um ambiente mais tranquilo, outras que tem um ambiente mais agitado, quando chega na escola você nota essa diferença na criança, principalmente aquelas que tem contato com outras crianças e outras não (Professora Indianara).

Percebemos no posicionamento das professoras que é notória a diferenciação de comportamento entre as crianças em sala de aula, percebendo o tipo de ambiente que cada uma vive e como isso pode influenciar em seu desenvolvimento cognitivo na escola. Almeida (1999, p. 97) vem nos mostrar que: “Nesse contexto, o meio físico quanto social, onde vive uma criança é muito importante, pois daquilo que esse meio for capaz de oferecer a essa criança dependerá grande parte de seu desenvolvimento”.

Com isso é possível afirmarmos que através dessa diferenciação de comportamentos devidos a fatores sociais do cotidiano de cada criança, poderemos ver que tipo de público que o professor lida em sala de aula e como deve ser a aproximação e a maneira de tratar esse aluno, não fazendo uma apologia a tratamento desigual entre os discentes. No entanto, cada criança necessita de um tipo de atendimento, assim há uma diferenciação em alguns aspectos na relação professor-aluno.

As crianças que vivem em ambientes mais agitados tendem a serem mais indisciplinadas, de acordo com os professores entrevistados. Na visão deles, as crianças tornam-se inquietas, e têm dificuldade para seguir a rotina e as regras que regem um ambiente escolar, a falta de limites em seus desejos em casa é levado para a escola como algo naturalizado. Como podemos perceber nas falas:

Os conflitos mais comuns geralmente são entre crianças [...] indisciplinadas porque os outros alunos mais comportados digamos assim, eles não querem uma aproximação, porque acaba atrapalhando até a própria aprendizagem deles. [...] então muitas vezes ele chega na escola tentando fazer da mesma forma que faz em casa, e na escola há limites, há regras, há horários a cumprir e ele chega um pouco a estranhar e bater muitas vezes de frente com o professor, aí é onde gera o conflito [...] (Professora Daniele).

Entre aluno/aluno a questão do brinquedo também, né, a questão até é da criança não querer dividir o brinquedo com o coleguinha ou então não querer que o coleguinha que ele mais goste brinque com outras crianças, quer que brinque apenas com ele, e justamente a questão mais uma vez do individualismo [...] e aí você vai conversar com a criança a primeira coisa que ela faz é colocar um dedo na sua cara, a criança não sabe falar, mas ela sabe gritar e ela entende que ela está brigando e que a voz dela é mais alta que a sua e você

tem que mudar a estratégia em sala de aula, deixar a tarefa de lado, e fazer com que a criança se acalme (Professora Mirian).

A questão do compartilhar, do dividir, que hoje, as crianças elas são muito individualistas, é tudo meu, apesar de ser da idade dela. [...] precisa se trabalhar mais em casa essa questão de partilhar, dividir, porque chega na escola eles nem querem dividir o brinquedo da escola, como também o de casa [...] (Professora Indianara).

Como enfatizado nas falas acima, existe um fator que é colaborador para a questão da indisciplina na sala de aula da Educação Infantil, que é o individualismo. Atualmente, as famílias foram reduzidas e, muitas delas, têm apenas um filho, com isso as crianças passam mais tempo fazendo atividades cotidianas sozinhas, não tendo o hábito de compartilhar seu aprendizado com outra criança. Dessa forma,

Na perspectiva das interações sociais parece plausível deduzir que quanto maior a diversidade de parceiros e experiências, potencialmente mais enriquecido torna-se o desenvolvimento infantil. Crianças expostas desde bebês a uma gama ampliada de possibilidades interativas têm seu universo pessoal ampliado, observando-se competências precoces para superar o egocentrismo e desenvolver uma autonomia diante do adulto. (MACHADO, 2010, p. 195).

Contudo, podemos nos posicionar com a ideia de que algumas crianças por viverem em ambientes, apenas, com adultos ficam egocêntricas, pois tudo que for relacionado ao seu mundo é seu, tudo lhe pertence, sem que tenha necessariamente que dividir. Esse comportamento tem acarretado um direcionamento indesejado, principalmente quando as crianças chegam ao ambiente escolar que têm que dividir espaço, brinquedos e se socializar da melhor forma possível.

Assim, essas crianças que tem esse tipo de comportamento egocêntrico, para além da sua idade, são rotuladas como indisciplinadas. Isso torna-se um problema para o professor quando se é compartilhado com a família e esta, por sua vez, se recusa a aceitar e a trabalhar esse aspecto, juntamente com a

escola, mais especificamente com a professora da turma. De acordo com as professoras

[...] os pais de certa forma eles não admitem que o filho precisa de uma atenção a mais em relação a aprendizagem ou comportamento. [...] muitas vezes, não só com esse aluno, mas com muitos outros os pais não querem participar, não querem admitir que aquela criança tem aquele problema ou então está passando por uma fase e jogam para cima do professor [...] o professor que está na escola [...] que se vire (Professora Daniele).

[...] alguns até ignoram. Um deles a questão justamente da indisciplina, principalmente crianças que são filhos únicos né, que tem aquela questão do egocentrismo, de querer o brinquedo só para ele [...] muitos pais ignoram essa questão, sabem, mas não querem reconhecer [...] e acaba atrapalhando no aprendizado da criança também [...] dificultando que a criança se socialize melhor [...] (Professora Mirian).

[...] Na questão da discussão, que há entre a criança, apesar do termo discussão ser um pouco amplo, pesado para a idade, mas há sim, porque crianças elas brigam entre si [...] Teve, uma criança da escola, ela tinha um hábito de beliscar, bater e morder. Quando chegou na sala uma que fizesse o mesmo com ela... quer dizer era relatado para a mãe: 'mãe fulano hoje bateu, hoje mordeu', 'ah professora desculpa, vou conversar, ele não vai repetir, não sei o que', diversas vezes. Quando chegou um aluno que ele foi fazer, que devolveu, a mãe não gostou, a mãe achou ruim, disse que isso não podia acontecer, e tudo mais, tanto que a criança chegou a sair da escola (Professora Indianara).

A partir dos relatos vimos que o trabalho do professor fica comprometido, pois ele precisa deixar suas atividades de sala de aula de lado, para resolver questões de indisciplina que se tornam diárias. Desta forma, o educador necessita de alguma solução, pois nem sempre a família trabalha em conjunto com a escola e, em muitos casos, a escola, com medo de perder sua clientela, exige do professor que não seja tomada nenhuma providência com os pais para que estes não se aborreçam com a escola e retirem seus filhos.

Como ressaltou as professoras em um momento de suas falas: “Quando então tem esses pais que são mais resistentes, então a escola pede que a gente não toque no assunto [...]” (Professora Mirian). Já a professora Daniele vai de encontro a mesma resposta quando diz que muitas “[...] vezes a direção da escola com medo de perder aquele aluno, ela termina nem chamando os

aapais para conversar” e, ainda, enfatizou que é uma questão crescente nas escola de iniciativas privadas. “Porque esse não é um problema só da escola pública, isso acontece muito na escola privada” (Professora Daniele).

O fator econômico da escola privada contém um certo peso na sua autonomia e, principalmente, do professor em sala de aula. No entanto, mesmo enfrentando essas divergências em sala o professor deve cumprir suas tarefas educacionais, pois se o aluno não aprende, pelo fato de sua agitação em sala, a culpa vai recair para o educador, principalmente porque ele é pago pelos pais para executar tal atividade. De acordo com as professoras elas tentam obter êxito com essas crianças da seguinte forma:

Bom, a gente conversa, leva motivações para eles, e, para que eles tenham um pouco de mais interesse [...] Então é assim, na base da conversa, das motivações em sala de aula que a gente vai levando, uma brincadeira, uma coisa, que a gente consegue realizar o trabalho [...] (Professora Daniele).

[...] geralmente eu uso da ludicidade de forma chamativa, procuro brincadeiras, é, atividades ilustrativas, histórias, músicas, que possam chamar a atenção dele para ver se ele consegue realizar a tarefa com êxito. Só que aí os pais cobram que o filho aprenda ao menos escrever o seu nome, com três anos de idade e aprender os números, aprender as vogais [...]. [...] criança tem que mostrar que aprendeu, então, surge algumas críticas em relação ao professor, dos pais para professor (Professora Mirian).

Primeiramente eu procuro saber o que é que está acontecendo com aquele aluno para ele estar daquela forma, vou estudar e daí procurar metodologias, métodos, seja qual for, vou tentando um, se não der certo eu vou tentando outro [...] Se for criança... se é brincando, então eu transfiro o conteúdo para a brincadeira, transformo aquele conteúdo que era só leitura em brincadeira, porque a criança ela aprende mais assim, busca sempre o concreto, porque eu acho que o concreto chama tanto a atenção da criança hiperativa como a criança dita normal (Professora Indianara).

Como vimos acima, as educadoras tentam, de maneira lúdica, buscar a atenção dos educandos, transformando todo o conteúdo em atividades lúdicas ou rodas de conversas, até mesmo chamando o aluno para conversar sobre seu desinteresse pela aula, procurando entender e conquistar a confiança dele, para que assim o educador consiga compreender o que se passa com aquela criança. Assim,

A criança que sofreu privação ou deprivação no primeiro ambiente, ao apresentar comportamentos considerados atos indisciplinados na escola, pode estar sinalizando um pedido de socorro, um SOS, na perspectiva Winnicottiana. Trata-se de uma tendência anti-social que não é um diagnóstico, pois pode ser encontrada em indivíduos normais, indivíduos neuróticos, indivíduos psicóticos e em qualquer faixa etária (GODOY, 2006, p. 244).

Os educadores precisam compreender o motivo dessa desobediência das crianças na Educação Infantil, podendo traçar soluções para se chegar aos resultados esperados pelos pais e pela comunidade escolar, pois a partir do momento que o educador ganha a confiança do aluno ele faz com que essa criança consiga absorver o conteúdo das atividades propostas, seja de maneira lúdica ou tradicional. Enfatizamos que

Para o professor, reconhecer o princípio da integração funcional implica que não se trabalha apenas com função e conteúdos, puramente cognitivos, mas há sempre participação de condições orgânicas e afetivos que colaborem ou se opõem ao processo de aprendizagem. Cabe a ele reconhecer as condições de seus alunos, em especial seus afetos, seus desejos, a fim de procurar canalizá-los para que colaborem na produção de conhecimento (PRANDINI, 2004, p. 43).

Como vimos, a aprendizagem da criança na Educação Infantil não se resume, apenas, a conteúdos programáticos, deve também ter a atenção voltada para a adaptação deste aluno no ambiente escolar, evitando ou minimizando transtornos pessoais com o mundo externo. Vimos, ainda, que a aproximação afetiva, pode ajudar o professor reconhecer esse aluno considerado problemático, indisciplinado em sala de aula, a partir de um olhar atento às suas necessidades.

3.2. Parceria escola-família na educação das crianças: qual o papel de ambas

Se o aluno é repreendido na escola, para a família aquela atitude não é visto com bons olhos, pelos pais, acarretando problemas na convivência entre família e professor. De acordo com as professoras

Tem alguns pais, que eles admitem, não de primeira, não logo de cara, mas depois de o professor estar sempre chamando e conversando, eles admitem o problema, de alguma coisa que esteja acontecendo. Já tem alguns pais que não admitem de forma nenhuma [...]. [...] porque o professor chama o pai e o pai não admite, “não é assim, não meu filho não é assim, ah é só na escola, então o problema é da escola, o problema é com o professor”. Geralmente eles jogam a culpa para o professor [...]
(Professora Daniele)

[...] muitos demonstram interesse né, e se prontificam em me ajudar e estão sempre dizendo que qualquer problema pode conversar, é, qualquer comportamento que a criança demonstre fora do normal, pode avisar que os pais trabalham essa questão em casa. Mais aí não são todos que ajudam. Se a criança é indisciplinada na sala de aula aí o que é que geralmente os pais dizem: o pai diz que é o professor que não tem controle sobre o aluno [...] (Professora Mirian).

[...] há sempre um diálogo, entre os pais, sempre desde o início até hoje [...] sempre houve um diálogo entre mim e os pais [...]. Teve um pai só, que tanto que a gente parou de comunicá-lo que estava acontecendo na escola, pela questão que não foi tanto ele falar, mas sim o agir dele, a gente percebeu que não estava sendo de agrado, porque realmente para ele fica chato, se o filho está fazendo isso constantemente, mas aí a gente parou de comunicar, e começamos a fazer o trabalho infelizmente, isoladamente só na escola (Professora Indianara).

Com o relato das professoras notamos que há uma ambiguidade nos comportamentos dos pais em relação à discussão das problemáticas discutidas pela escola a respeito dos filhos. Não é simples existir uma sintonia entre essa relação família e escola quando se há divergências nesta relação, no acompanhamento e discussão acerca da indisciplina.

Vale ressaltar que o motivo da indisciplina não advém, apenas, da falta de cunho moral dos pais, como também dos horários de trabalhos, ficando as crianças muito tempo na escola, pois em muitos casos, tanto a mãe, quanto o pai precisam trabalhar para manter a sua família, se ausentando da vida escolar, dos filhos. Esse distanciamento das famílias com a escola faz com que

as crianças sintam-se frágeis pela falta de acompanhamento e, muitas delas, tentam chamar à atenção de diferentes formas, inclusive pela indisciplina.

Essa ausência na vida escolar dos filhos faz com que se torne comum o hábito de suprir essa necessidade com mimos e vontades exageradas, complicando a autoestima e a confiança da criança em si mesma. Muitos pais deixam de lado o que realmente é essencial no favorecimento do desenvolvimento dos seus filhos, pois quando a criança evolui de maneira afetiva ela também evolui de forma cognitiva. Isso inclui o social, a psicomotricidade, a autoestima, a autoconfiança e podemos afirmar que a aprendizagem escolar passa, também, pelos afetos (PRANDINI 2004).

É evidente a diferença entre as crianças que recebem auxílio dos pais nas atividades relacionadas à escola e possuem uma boa estrutura familiar daquelas que não têm. As famílias que têm um suporte afetivo tendem a tornar suas crianças mais seguras de si, sem precisar chamar a atenção dos pais através de agitações e desobediências. Vendo os relatos a seguir constatamos que:

Tem muita diferença [...] aquelas crianças que tem acompanhamento, que tem uma cobrança em casa, mesmo elas sendo inquietas, indisciplinadas, elas conseguem atingir, porque tem uma parceria, então se ela tem uma cobrança em casa, ela tem mais facilidade de aprender na escola. Se ela tem acompanhamento todos os dias das atividades de casa, o pai está lá, a mãe está lá com ele conversando, fazendo atividades com ele, ajudando na escola, por mais inquieta que ela seja, ela vai conseguir aprender (Professora Daniele).

Os que são ausentes são poucos, muito poucos. Apesar de a maioria dos pais trabalhar, ter uma rotina corrida que aí justificam, muitos justificam né, “ai, é a questão de tempo, que eu não consigo acompanhar como deveria”. Mas aí, são poucos os casos. A maioria acompanha, e tem sim um rendimento muito grande (Professora Mirian).

[...] A criança que tem um acompanhamento em casa ela se desenvolve melhor do que aquela que não tem [...]. Tanto no motor como no cognitivo, aquela criança que recebe carinho dos pais tem uma aprendizagem melhor do que aquelas que não tem, e a que tem o acompanhamento em atividades e nas demais atividades escolares sim, tem essa certa diferença (Professora Indianara).

Quando a criança tem o apoio dos pais, o aprendizado torna-se mais fácil e prazeroso, tanto para o professor, quanto para o aluno e favorece a relação da escola com a família em prol do desenvolvimento da criança.

O processo de compreensão da junção do emocional com o cognitivo na Educação Infantil faz com que tanto o professor, quanto a família busquem trabalhar conjuntamente como já foi ressaltado anteriormente, pois as questões afetivas são tão importantes quanto o aprendizado sistematizado na escola.

A família tem um papel primordial nessa fase de escolarização, já que é o porto seguro da criança, e seu desequilíbrio vem a acarretar sérias consequências, seja pela falta de tempo, pelo trabalho, seja pela negligência dos pais perante seus filhos, vindo a criar alunos indisciplinados na sala de aula.

Contudo, as falas das professoras nos fizeram pensar sobre a temática em estudo e de que forma professores da Educação Infantil em escolas particulares se encontram com as especificidades e cobranças do próprio local de trabalho, bem como das famílias e a necessidade de permanecer trabalhando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir, a partir dos estudos e das falas das professoras, que a criança que é considerada indisciplinada na Educação Infantil precisa de cuidados especiais no sentido de que existe a necessidade de uma relação entre a escola e a família para que possam, conjuntamente, favorecer o desenvolvimento infantil.

Através das entrevistas com as professoras de três instituições privadas da cidade de Cajazeiras/PB, pudemos ter acesso a relatos bem parecidos, sendo observado o quanto, ainda, a Educação Infantil precisa ser vista e considerada como uma etapa da educação básica que é relevante para o processo de crescimento e amadurecimento das crianças.

Devemos com esta reflexão apontar que as famílias influem na educação dos filhos, tanto positivamente, quanto negativamente e estas, quando estão em parceria com a escola fazem com que as crianças se sintam seguras e minimizem os comportamentos inadequados.

Vimos ao longo das entrevistas que as professoras conseguem captar o problema da indisciplina escolar, no entanto, nem sempre obtêm êxito ao final do ano letivo. Percebem a diferença de comportamento quando seus alunos passam por algum problema na família, quando há falta de limites dos pais perante as crianças. As professoras utilizam diversas metodologias lúdicas, dialogadas e tradicionais para conseguir ter bons resultados nas instâncias cognitivas, que é o que realmente é de interesse dos pais, alguns até chegam a fazer com que seus filhos amadureçam precocemente, não preocupando-se em como fica o campo emocional dos seus filhos.

Com isso, vimos que as professoras tentam dialogar com os pais na tentativa de mostrar que o campo emocional é de suma importância para a construção pessoal da criança, enquanto ser social e individual. Muitas vezes, o comportamento indisciplinado pode vir a ser uma forma que a criança tem para chamar a atenção da escola e da própria família, ou por interiorizar problemas de ordem diversas.

Devemos destacar, mediante os estudos realizados a importância da formação dos professores para que consigam lidar com as diferentes questões

educacionais pautadas nos estudos realizados e na prática cotidiana de sala de aula, amenizando as situações desagradáveis vivenciadas, mas de forma clara. Podemos afirmar que foi satisfatório perceber que, ainda, se têm professores dispostos a trabalhar com essas crianças consideradas indisciplinadas, em salas de aula de escolas particulares, trazendo a ludicidade e o diálogo para o ambiente escolar. Mesmo que a família e a própria escola sejam omissas, em algumas situações, o professor é o mediador entre a criança e a construção do conhecimento sistematizado.

Concluimos que os objetivos aqui propostos foram alcançados, a partir do momento em que as professoras falaram sobre suas experiências, facilidades e dificuldades vivenciadas em salas de aula de Educação Infantil em escolas particulares e sobre o que fazem para que as crianças sintam vontade de estar em sala de aula, apesar das inúmeras dificuldades encontradas para manter uma boa relação da escola com a família na condução da educação das crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA. Ana Rita Silva. **A emoção em sala de aula**. Campinas-SP, EDITORA Papirus, 1999.

ALVES, Bruna Molisani Ferreira. **Infâncias e educação infantil: aspectos históricos, legais e pedagógicos**. Revista Aleph Infâncias. ISSN 1807-6211. Ano V, novembro. Rio de Janeiro/RJ, 2011.

AQUINO, Julio Groppa. A indisciplina e a escola atual. **Rev. Fac. Educ.**, São Paulo, v. 24, n. 2, Julho 1998 . Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-25551998000200011>>. Acesso em 30 Ago. 2016.

DEMO, Pedro. **Escola pública e escola particular: semelhanças de dois imbróglgios educacionais**. *Ensaio: aval.pol.públ.Educ.* [online]. 2007, vol.15, n.55, pp.181-206. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40362007000200002>> Acessos em 02 set. 16.

DÉR. Leila Cristina Simões, **A constituição da pessoa: dimensão afetiva**. Ed. Loyola : São Paulo, 2004 1ªed.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Rev. adm. empres., São Paulo , v. 35, n. 2, p. 57-63, abr.1995. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>>. acessos em 01 set. 2016.

GODOY, Célia et al . **A (in) disciplina escolar nas perspectivas de Piaget, Winnicott e Vygotsky**. **Rev. psicopedag.**, São Paulo , v. 23, n. 72, p. 241-247, 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010384862006000300008&lng=pt&nrm=iso> acessos em 30 ago. 2016.

KRAMER. Sonia, **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. São Paulo Editora Cortez, 2006, 8ª ed.

LUENGO. Fabiola Colombani. **A vigilância punitiva: a postura dos educadores no processo de patologização e mediação da infância**. São Paulo. Editora UNESP. 2010.

MACHADO, Maria Lucia de A.. **Desafios iminentes para projetos de formação de profissionais para educação infantil**. Cad. Pesquisa., São Paulo , n. 110, p. 191-202, Julho 2000. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742000000200009>>. Acesso em: 20 Setembro. 2016.

MANZINI. E.J. **Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros**. In seminário internacional sobre pesquisa de estudos qualitativos. CNPq, 2, 2004, BAURU. Disponível em

<https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini_2004_entrevista_semi-estruturada.pdf> acessos em 02 set. 16.

MAHONEY. Abigail Alvarenga. **A constituição da pessoa**: desenvolvimento e aprendizagem. Ed. Loyola : São Paulo, 2004 1^oed.

PRANDINI. Regina Célia Almeida Rego. **A constituição da pessoa**: integração funcional. Ed. Loyola : São Paulo, 2004 1^oed

APÊNDICE A



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO**



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) participante,

Sou estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, *campus* de Cajazeiras/PB e estou realizando uma pesquisa sob a supervisão da Prof. Dr^a Zildene Francisca Pereira (UFCCG), cujo objetivo é analisar as implicações da relação professor-aluno no processo de ensino-aprendizagem de alunos nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Sua participação envolve uma entrevista, que será gravada se assim você permitir e terá duração aproximada de vinte minutos. A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a). Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você contribuirá com a produção de conhecimento científico na área educacional.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa contatar com a Professora Orientadora Zildene Francisca Pereira, e-mail: denafran@yahoo.com.br e a Pesquisadora Rayanne de Souza Santos, e-mail: rayannearthur2@gmail.com.

Atenciosamente,

Assinatura da Estudante
Matrícula: 211230129

Assinatura da Professora Orientadora

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que recebi uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante Voluntário (a) da Pesquisa
RG:

APÊNDICE B



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO**



ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Para você existe diferença de comportamentos de crianças em sala de aula. Quais? Exemplifique.
2. Existe descaso dos pais, diante dos transtornos vividos diariamente em sala? me relate um fato se possível.
3. Quais os tipos de conflitos mais comuns vivenciados em sala de aula?
4. Como se dá o relacionamento professor / pais, quando se ressalta as questões problemáticas vividas diariamente?
5. O que você enquanto educador consegue fazer para que os alunos indisciplinados consigam aprender?
6. Você consegue notar diferença no desenvolvimento das crianças, em sala de aula, daquelas que tem acompanhamento dos pais, daquelas que não tem?